

EDITORIAL

Hoje, talvez mais dramaticamente que outrora, a Filosofia Social é chamada a refletir sobre os caminhos e descaminhos do Homem em sua trajetória histórica.

Vivemos em momento de perplexidade: os territórios de domínio das grandes potências se fragmentam neste período pós-queda do muro de Berlim, o mundo do trabalho profundamente marcado pelas contradições que geram ao mesmo tempo o avanço da tecnologia e o avanço da miséria e, particularmente, nosso País vivendo uma séria crise ética, política, econômica.

Isso, e certamente muito mais, nos deixa diante de um cotidiano onde a violência, a falta de justiça social e de garantias dos mínimos direitos de cidadania a enormes contingentes populacionais, tem abalado nossas convicções, nossas esperanças, nossas utopias.

Que fazer? A questão, repetindo Lenin, parece soar constantemente como um desafio.

Desafio que certamente os autores dos artigos que constam deste número da REFLEXÃO assumiram, como forma de nos desafiar também a um repensar crítico de nossa realidade. PADUA, PELUSO, KOUTLOUKA; DUSSEL; AMES; TORDESILLAS, CAPONI, SERAFINOU, nos trazem subsídios para estas reflexões ao nível nacional, latino-americano e internacional.

Na seção ENTREVISTA, o jurista Goffredo Telles Junior (75), professor Emérito da Universidade de São Paulo, nos conta um pouco da sua história de vida, que sem dúvida está inscrita na própria História do Brasil.

Os trabalhos em ESTUDOS CRÍTICOS, de Constança Marcondes CESAR, da PUCAMP e de Tina Spantidou, da Universidade de Atenas, completam este nosso Filosofia Social II.

Repensar o social é, sem dúvida, assumir um duplo desafio: o de elaborar subsídios para a compreensão do seu movimento dialético e, ao mesmo tempo, rever concepções, renovar esperanças, construir utopias.

Eis a tarefa que nos aguarda.